

A LÓGICA DA ESCOLARIZAÇÃO E SUAS IMPLICAÇÕES EM OUTROS TIPOS DE SABERES

Larissa Iamada

A sociedade contemporânea se caracteriza por ser escolarizada e sempre direcionada ao ensino formal, sendo assim, apenas o ensino certificado é reconhecido. De acordo com Brandão (1989), ninguém escapa da educação, ela vai além do ambiente escolar, está em todos os lugares e acontece a todo tempo. Levando em consideração que a educação é algo amplo, essa visão escolarizada se torna excludente, devido a essa institucionalização dos saberes e imposição da necessidade de certificação.

Diante do exposto, cabe indagar quais são as implicações para outros tipos de saberes, que esta lógica da escolarização e da certificação traz.

Na medida em que a sociedade se tornou escolarizada, a educação se restringiu e se reduziu a um “modo de”, e outras possibilidades de viver e de educar não recebem mais o reconhecimento merecido. Quando se discute as implicações da lógica da escolarização, o que está se discutindo é que ela deprecia todos os outros tipos conhecimento que não são científicos, pelo fato de não serem institucionalizados e não terem o selo da academia.

De acordo com Illich (1985), na sociedade atual escolarizada, capitalista e desigual, a educação é vista como um bem, uma “coisa” que só pode ser obtida por nós por meio de um ensino formalizado. O ensino certificado se torna cada vez mais insatisfatório, pois reforça a hierarquização, e desconsidera também outras formas de ensino, individualidades e, apesar de se intitular como um saber universal, é incapaz de provê-lo. Ao meu ver, essa forma de enxergar a educação contribui para que somente esse tipo de ensino seja reconhecido, classificando outras formas de saber e outros meio de educar como menos importantes, menos eficazes e incompletas.

Diante disso, é importante que se entenda que o conhecimento escolar não é universal e nem puro, ele é híbrido, formado pelo conhecimento do professor, dos alunos e por toda a bagagem pessoal que está presente em sala de aula. O conhecimento científico, quando é escolarizado, passa por uma transposição didática e se torna um conhecimento escolarizado. Não é mais o conhecimento científico puro em sua estrutura e problemática, mas sim uma transposição para trazer para a sala de aula uma visão da ciência. Mas, apesar dessa composição e dessa transposição, o conhecimento escolar traz consigo o respaldo científico.

Brandão (1989), fala sobre a visão estreita que confunde a educação com a escolarização tornando, de certa forma, a educação dependente da escolarização, como se fosse possível encontrá-la somente no que é formal, programado e técnico. Percebo também que essa necessidade da certificação, como dito anteriormente, mostra como somos moldados diariamente e podados por essa visão que nos força a esquecer que o processo de ensino é algo intrínseco, que não se limita ao ensino convencional e ocorre a todo instante, em todos os lugares e nas relações interpessoais, desde o nascer até o fim da vida.

Interesses burocráticos e econômicos, presentes até hoje, contribuem para que o saber institucionalizado ofereça um ensino pronto e mecanizado ao invés de cooperar com a construção de um conhecimento que se some a educação externa à instituição. Ensino institucionalizado este que serve a grupos seletos, contribuindo para que esse tipo de educação seja cada vez mais estimado e destinado apenas a classes sociais determinadas. Além de não reconhecer que há saberes mais fora do que dentro das instituições e que esses também são importantes, essa educação desigual, tenta a todo custo minimizar a importância dos ofícios e saberes não certificados. (ILLICH, 1985)

Até há pouco tempo atrás, os filhos de escravos ou de famílias pobres como agricultores, lavradores e artesãos, aprendiam tudo que podiam no exercício do ofício. Enquanto isso, somente as crianças ricas e de “famílias importantes” poderiam frequentar as particulares e caras escolas. Pensando nisso, é importante enxergarmos que a educação não é só escolar, ela está presente em toda parte e em todo lugar estão presentes diversas formas de transferência do saber no interior da cultura, mesmo quando não há um sistema formal de ensino. É importante deixar claro que a educação é livre, criada pelas pessoas para tornar algo como uma ideia ou um saber comuns, não obrigatoriamente regida por processos formalizados. Mesmo em sociedades que hierarquizam os tipos de saber, como a nossa, é preciso que se compreenda que existem trocas de saber que são universais na humanidade, nas quais os ensinamentos são perpassados por dinâmicas pedagógicas interpessoais, familiares e comunitárias. (BRANDÃO, 1989)

A educação pode ser entendida como prática social e pode ser usada como instrumento de domínio, ou seja, a partir do momento que um tipo de educação é imposto, o controle é instaurado e as pessoas são moldadas de acordo com interesses econômicos e políticos vigentes. Com isso, podemos entender que quem não recebe um ensino certificado, formalizado e institucionalizado, não é visto como “educado”. Como exemplo, é possível citar a comunidade indígena, classificada erroneamente como incivilizada ou até mesmo selvagem, pois sua forma de saber e de ensinar não são reconhecidos e tampouco valorizados pelo fato de seus métodos

de ensino não serem escolarizados, mesmo que tenha sua própria dinâmica e modos de educar. (BRANDÃO, 1989)

A educação, sendo ampla como é, existe de maneiras diferentes em contextos diversos, e cada cultura e povo possui seu modelo de educação guiado por sua própria maneira de ensinar, de aprender, saberes próprios, códigos, crenças, idéias, regras de conduta e trocas entre os sujeitos. Nem sempre um outro tipo de educação será útil para um povo que já possui sua própria dinâmica educacional, como exemplifica Brandão (1989) relatando a recusa dos índios quando foi oferecido a eles o ensino formal americano, alegando que muitos dos jovens que receberam essa formação se tornaram despreparados e inúteis para sua comunidade. (BRANDÃO, 1989)

Pensando nisso, é necessário lembrarmos de outras comunidades além da indígena, como a quilombola e a kalunga, por exemplo. São comunidades que também possuem seus saberes, conhecimentos, formas de ensinar e aprender que não podem se perder em suas tradições. Existem também diversos saberes do cotidiano como o do marceneiro, vidreiro, ourives, luthier, azulejista, dentre outros que apresentam um enorme valor para a nossa sociedade e que, no entanto, são ofícios que não são escolarizados.

Um mestre de obra, por exemplo, diversas vezes salva uma construção e conserta erros cometidos por engenheiros e arquitetos que ao meu ver, mesmo com a formação certificada, não possuem o saber que esse mestre possui. Outro exemplo, é o agricultor. Ele conhece a terra, as fases da lua, as chuvas, quando se deve plantar, semear e colher, enxerga a natureza de forma integrada e tudo isso ele aprende exercendo seu ofício e, mesmo não sendo nos bancos da escola, não necessita de certificação e deve ser respeitado. Ele não precisa de um curso de agronomia para ter seu valor e, ao meu ver essa não certificação, é algo positivo. A lógica escolarizada é fragmentada, possui diversos pré-requisitos, etapas e módulos que devem ser seguidos em uma sequência robotizada, homogeneiza os pensamentos e não abre espaços para erros. Em contrapartida, em ambientes não escolarizados, a lógica é integrada, na qual toda a problemática que o ofício requer é aprendida ao mesmo tempo, de forma integrada, em que o erro é visto como uma oportunidade de pensar e aprender.

Como afirma Brandão (1989), “a educação é maior que o controle formal sobre a educação” (p.48). Os povos desvalorizados aprenderam a criar e recriar suas culturas e suas formas de ensinar e aprender, e dentro de suas próprias dinâmicas são preservadas suas próprias formas de educação e de transferência de saberes, mesmo que a educação erudita insista em não dar importância a esse lado. Ainda que marginalizados, essas outras formas de educar se

constroem, criando suas próprias dinâmicas, crenças, valores e seus códigos de troca em seu interior.

Precisamos sempre nos lembrar que o processo de educação independe do tempo e do espaço. É preciso valorizar outros conhecimentos além dos institucionalizados, para que esse ensino limitante não nos empurre um conhecimento que tira nossa identidade ou a ideia de que para aprender é essencial que seja por meio do ensino formalizado.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, C. R.. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

ILLICH, I.. **Sociedade sem escolas**. 7.ed. Petrópolis, Vozes, 1985.